

NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

ANNO I - NUMERO 15

Director: Orlando Corrêa Lopes

Assignaturas

Brazil - anno... 58000 - Exterior - anno... 78000
Numero avulso 100 rs. - Numero atrasado 200 rs.

Redação e administração - Rua do Rosario N.º 170

Brazil - Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1915

Collaboração

São colaboradores effectivos de "Na Barricada": Lopes Trovão, Fabio Luz, Pedro do Coutto, Coelho Lisboa, José Quintas, Carlos de Vasconcelos, Campos de Medeiros, Sampaio Ferraz, Hermes Fontes, Domingos Ribeiro Filho, Theodoro de Magalhães, Reis Carvalho, Mauricio de Lacerda, Sarandy Raposo, Silva Marques, etc.

NA BARRICADA

O acontecimento culminante do momento é a morte do senador Pinheiro Machado. O mundo official lhe prestou honras excepcionaes, e a grande maioria da nossa imprensa, que o combatia furiosamente em vida, proclamando-o o homem mais nefasto do paiz, o responsavel unico por todas as desgraças que nos acobrem, fez coro com os que choraram a morte do caudillo, absolvendo-o de todos os seus crimes, esquecendo o passado, exaltando-lhe qualidades, que não possuira, e chegando mesmo a glorificar-o. Para nós, porém, a morte a ninguém absolve, pelo que o senador Pinheiro Machado, morto, continua a ser o mesmo Pinheiro Machado vivo, o mesmo caudillo voluntarioso e audaz, o mesmo homem sinistro, o mesmo degolador de seus patriotas nas campinas riograndenses, o mesmo protector dos quadrelheiros que assallaram o Theozoro Nacional, o bombardeador de Manaus, o orientador dos jagunços do padre Cicero, a alma do quatriênio passado, o creador da candidatura do Duda á uma cadeira do Senado, o commensal dos Nery, dos Lemos, dos Acioly, o chefe, enfim, dessa quadrilha de malfeteiros que se apossou da direcção do paiz e o transformou nessa infamia que ahi se ostenta aos olhos do mundo como uma coisa abjecta, desprecivel.

Não lhe choramos a morte, e tampouco lhe applaudimos o assassinato, que a violencia nada edifica, mas, se de nós dependesse a sua resurreição, por certo, que não a faríamos. Cada um tem um destino a cumprir na vida; elle cumpriu o seu. Espalhou a desolação e a morte, fez correr um rio de sangue e de lagrimas, desmanchou muitos lares felizes, mergulhando-os na viuvez e na orphandade, e tudo isso em defesa dos seus interesses individuaes, que sempre confundiu com os interesses da república; logico era, portanto, que um dia chegasse, como boquearam as suas victimas.

Entrou para a politica simples tropeiro e morreu muitas vezes milionario. E fado estúpido! É proporção que enriquecia, empobrecia a nação que elle governou discrecionariamente; e justamente, quando o Theozoro Nacional se nos apresenta raspado até ao fundo, o commercio e a industria completamente fallidos, eis que é o antigo tropeiro quem, com pouco de seus milhões, paga um coupon da dívida publica, na importancia de mil contos de réis!

Este facto é bem significativo e nos faz lembrar o testamento do Visconde Machado, ex-governador do Paraná, que tanto escandalo produziu na imprensa brasileira. Entrando, se o apresenta como uma demonstração do patriotismo do grande estadista brasileiro!

Não, a historia do caudillo não é essa que se está a fazer em presença do seu corpo ainda quente; a posteridade ha de julga-lo com justiça, sem odios, mas sem o sentimentalismo e a hypocrisia dos seus panegyristas.

Orlando Corrêa Lopes

Segunda carta ao dr. Silva Marques

Meu caro confrade,
É verdadeiramente uma delicia discutir assumptos scientificos nessa atmosfera de amizade e finura a que nos levam a mutua sinceridade e o firme desejo de acertar.

Éis porque volto a conversar sobre o mesmo assumpto da ultima vez, e a mesma sociedade.

Sua carta me causou dupla alegria. Primeiro, porque vejo ter-lhe caído fundo no espirito o exame que lhe propuz de uma analyse aoCodigo Penal, para verificar as causas das crimes e sua extensão aos vicios sociais de toda a sorte.

Os criminalistas vão buscar essas fontes nos factores anthropologicos, psychicos e tambem sociais, sem contudo apontarem os verdadeiros factores sociais.

V. não me respondeu ao essencial da minha carta; silencio absoluto sobre a exactidão ou inverdade do meu theorema e se apegar a afirmações accessorias, deixando o facto para ater-se a theorias.

O que lhe propuz foi o seguinte: as causas fundamentais dos crimes e vicios humanos, portanto do mal humano, são o dinheiro e o amor, isto é, os formas capitais da propriedade particular.

V. deveria replicar-me demonstrando que não, que o dinheiro, isto é, a ambição de acumular riqueza produzida por todos, com a possibilidade de o fazer, não concorre para o crime; que o amor, propriedade do amor-negocio, do amor-contrato, do amor-encargo, todas as formas ominosas do amor regulado por lei, não é a origem dos crimes (incestos, abortos, infanticidios, assassinios, suicidios, adulterios, etc.) e de vicios detestaveis (prostituições onanismo, saphismo, etc.).

Depois deveria demonstrar que a sociedade actual não garante por lei grande numero de crimes e vicios decorrentes desse regimen: (advocacia, tabelião, concessões, jogo, prostituição, commercio, agiotagem, usura, etc.).

Enfim demonstraria que, suprimida a propriedade particular, não cessaria a causa da maioria dos crimes e dos vicios.

Só então V. poderia concluir que, na realidade, o homem é de sua natureza um bicho ruim.

Apoyez disso, sendo a absoluta impossibilidade de fazel-o, V. se arrima em Hobbes e afirma que tem a prova da historia e da experiencia.

Ora, meu amigo, a prova da historia e da experiencia não valem nada neste caso. Eu affirmo que o regimen da archa é a causa do mal e V. nega, dizendo que a historia da sociedade archaica mostra que o mal sempre existiu. Poderá!

Como poderia a historia provar o contrario, se a historia é exactamente a vida dos homens sob o regimen da propriedade particular?

Se V. tomasse a historia de uma sociedade comunista, como a entendem os anarchistas, e mostrasse que nella os mesmos crimes e vicios apparecem, teria dado a prova procurada. Mas servir-se da historia da sociedade que combatemos para concluir contra uma accusação a essa sociedade, ao seu regimen de propriedade, apontado como a causa do mal, é contraproducente, é um sophisma calvo de mais.

A experiencia de qualquer de nós ou dos nossos antepassados nada vale. V. tem feito muitos beneficios em dinheiro e serviços, e, em troca, recebe ingratidões. Isso, meu amigo, prova apenas que a nossa sociedade é tão ruim que os nossos irmãos precisam de beneficios nossos, precisam da caridade uns dos outros. V. não reflectiu, por não se ter penetrado da doutrina anarchista, em que a caridade é positivamente uma vergonha, uma humilhação infligida a um companheiro que muitas vezes estende a mão aos seus proprios algozes, inferiores em talento, em illustração, em caracter.

Poco-lhe licença para ponderar-lhe que os seus beneficios foram um grande mal. V. confundiu, apoiou, intensificou o regimen da caridade, que é sempre ameba, que é sempre feitor, esquecido de que na terra deveriamos ser todos iguaes, deveriamos corar termos de socorrer ao proximo. A sociedade deveria estar organizada de tal modo que fosse dispensado o beneficio, e todos tivessem igual direito ao pão, á instrução, ao prazer.

A caridade é uma valvula de segurança sustida pelos exploradores. Se os ricos, durante uma semana, ficassem completamente a sua bolsa, teriamos a formidavel revolução do proletariado trabalhador, na reivindicação dos seus direitos.

O utilitarismo de Bentham se baseia na propriedade particular e, para os que a admitem, é irrefutavel como doutrina social, mesmo quando defende a usura. O utilitarismo anarchista se baseia na riqueza collectiva, na sua produção, poupança, distribuição, etc. São radicalmente diferentes: um visa o interesse particular, o outro o interesse colectivo. É interessante, porém, notar que, no primeiro, o individuo soffre porque a distribuição se faz injustamente e, no segundo, o individuo goza porque o interesse colectivo, e na realidade, o interesse individual dentro da justiça.

Finalmente, o illustre amigo não vê diferença radical entre o anarchismo e o socialismo desde que o anarchismo condemna em absoluto a propriedade particular. Nesse caso acha V. que o anarchismo cae no regimen do socialismo de Estado, que V. condemna (com toda a razão) como o mais insupportavel dos despotismos.

V. labora no mesmo engano de Pedro do Coutto. A sua conclusão evidencia a

tem, porque existem os beneficiarios; os beneficiarios só existem porque existem ricos e pobres; estes só existem porque existe o dinheiro, e o dinheiro é a propriedade subdividida, accumulavel por alguns, apossada pelos mais esportos, pelos mais ladrosos, pelos mais ladrões.

Busque quem educa os seus filhos, quem ou melhor, quem.

A sociedade nos educa no furto ao trabalhador.

O commercio é o furto organizado e mutuo. Rouba o medico, o dentista, o advogado, o empreiteiro, o funcionario publico, o sacerdote, o mais honrado capitalista. Roubamos, todos dentro da lei.

V. ha de concordar comigo que o deputado que recebe diariamente 100000, sem fazer nada, rouba ao lavorador que trabalha o dia inteiro. Dentro da lei, feita por elle mesmo.

A prosperidade no commercio é o resultado de pequeninos furtos diarios; e o commercio, esse formidavel desperdicio de energias humanas, em que pese á economia politica dos commerciantes, essa vergonha humana, é resultado da propriedade particular.

A segunda alegria causada pela sua carta vem de perceber eu a marcha rapida do seu espirito para o anarchismo.

Falta-lhe apenas conhecer o anarchismo, embora V. tenha lido os autores anarchistas. Uma coisa é ler e outra apprehender. V. leu esses autores com o espirito de jurista e esse espirito estragou-lhe a leitura.

Sinto, porém, que o seu caracter é tão puro, tão precioso, tão fundamentalmente bom que não pode rejeitar o anarchismo, desde que o conheça e o sinta.

Confesso que isso não é facil. Certas proposições do anarchismo chocam profundamente os nossos habitos mentaes e sociais. Cumpre passar pelo processo de uma iticização, tanto mais difficil quanto a doutrina anarchista não foi até hoje systematizada.

Essa systematização eu a tentei e creio ter chegado a realizal-a definitivamente, nos seus pontos capitais e um dia a publicarei sob o titulo de *Systema da Sociologia Anarchista*.

V. poderá ver em resumo os meus trabalhos inseridos na revista *A Voz*, sob os titulos: *O desperdicio da energia feminina e Catecismo anarchista* (incompleto).

V. se espanta de haver eu substituído ao fundamento amor o fundamento solidariedade na doutrina da sociedade.

É claro que nos livros anarchistas encontrará V. a palavra amor muito empregada; nunca a encontrará porém no sentido que a amor attribuiu a moral burgueza: amor divino, amor do proximo com recompensa celeste, amor do proximo por mero altruisimo. Os anarchistas se referem sempre ao amor-solidariedade. É um amor muito diferente do amor pregado por Christo.

Demais o amor-altruisimo não pôde ser, de forma alguma, a base da sociedade. Pôdeconcorrer, quando muito, para a realização de alguns factos sociais.

Exemplos: associar-me com a casa Creuzot para fabricar metralhadoras; é um facto social, ha nelle a solidariedade economica e não amor; fundar uma instituição de pesquisas historicas, é um facto social, onde existe a solidariedade intellectual e não amor ao proximo; organizar um club musical ou sportivo, é um facto social, derivado de uma solidariedade para o gozo e não do amor ao proximo.

Ora, se o amor-altruisimo não produz a maior parte dos factos sociais, como se pôde invocar o altruisimo para fundamento da organização social?

Diz V. que nesse caso o movel é o interesse e então voltamos á doutrina utilitaria da escola ingleza.

Perdoe-me o illustre amigo. Não confunda o utilitarismo anarchista (digamos assim) com o utilitarismo de Bentham.

Na academia de direito fui sempre um admirador de Bentham, cujas obras li com sofredignidade. Foi o estudo dellas um dos pontos de partida do exame minucioso que procedi na organização social.

Não encontrei nunca nos seus refutadores archaicos argumentos serios contra elle. Todavia não pude aceitar nunca os seus ensinamentos.

Hoje, compreendendo a razão do meu embaraço. Estava todo em que elle penetrou bem fundo no mecanismo social, mas seu ponto de vista era do busqueiro, do capitalista e elle tinha de justificar o mecanismo vicioso, embora propondo innumerables reformas.

su ignorancia (perdoe-me a franqueza) da doutrina anarchista.

Esta carta vai longa. Comprometto-me, meu amigo, a esclarecer-lhe em outra o que seja o communismo anarchista e mostrar como diverge radical, profunda e irreconciliavelmente do systema socialista.

Responde.

JOSÉ OITICICA

Guerra e emancipação

O sentimento de patria é uma questão de inexcusable importancia, quando se trata dos problemas sociologicos. E se constitui presentemente, de uma forma real e indiscutivel — a religião universal.

Os homens acham-se divididos por inimizades de religiões, seitas, partidos, doutrinas e escolas, mas o deus do patriotismo impera sobre todos com a arrogancia de sua supremacia absoluta.

Mesmo entre os homens que professam idéas de cosmopolitismo sóe este tyranno implantar discricional dominio. Pode-se abrigar idéas amplas, propagar a fraternidade dos povos; porém, do momento em que se começa a agitar a bandeira da independencia nacional, a empolgar a alma das massas populares com o clarim da altisonante verbosidade dos charlatães burguezes, convocando os homens á defeza de seus lares, da honra das suas familias, das suas liberdades (defeza e liberdades que nunca existiram), o fanatismo patriótico, feito carne nos filhos de cada paiz, explode, e a besta humana apparece exhalando odio por todos os poros, disposta a fazer officio de magarefe nos campos de batalha onde os humanos se delatam.

Alguem disse que o amor á patria não exclue o amor á humanidade. Ao contrario, parece que o amor á humanidade não exclue o amor á patria. Com effecto, não faltam internacionalistas libertarios que procuram demonstrar e defender a existencia da unidade nacional.

Inde está o criterio racional e logico desta afirmação?

Qual será o facto real, insospitavel que inspira tão estranha premisa? Será a civilização burgueza opposita á civilização operaria ou, ainda mais, á libertaria?

Será o idioma official, imposto ás populações de diversas origens, com suas linguas ou dialectos que estão longe de se harmonizarem com a lingua esatal? Será a unidade politica imposta pela lei e pela força a muitos povos que têm costumes diferentes, tendências sociais que lhes são peculiares, ou habitam regiões separadas por enormes distancias e relevos quasi infranqueaveis? Não se mantêm em todas as nações uma tendencia para a autonomia das provincias e dos municipios, procurando movimentos separatistas? Não é contra a centralização e unificação nacional dos diversos elementos de vida social que surge espontaneamente a luta das populações regionaes pelo triumpho do principio autonomista ou federalista?

O principio das nacionalidades é arrojado pelos cavalheiros da classe paritaria, não para respeitá-lo, mas simplesmente para manter a constituição das nações politicas e artificiaes. Elles sabem perfeitamente que não é possível a existencia de nações ou estados politicos sem elementos de ataque e de defeza, e que a defeza da nacionalidade equivale á defeza de todas as instituições do despotismo e do privilegio.

Que o amor da patria não exclue o amor á humanidade é um embuste que o facto está ahi a negar, com toda a frequencia das desastrosas guerras que são o maior flagello da humanidade.

O amor da patria, no sentido vulgar de palavra, é um sentimento de egoismo irracional e cruel, ao qual não escapa a brutal aspiração da posse exclusiva de determinada região e da ampliação de engrandecimento desta em detrimento das outras, e o desejo que qualquer povo tem de criar uma situação privilegiada, sacrificando os seus vizinhos.

A patria é alguma coisa da qual nos julgamos parte integrante, é considerada como carne da nossa carne.

Fortalecer-se no interior e esmagar o inimigo de alem fronteira, tal é a paixão e a aspiração commum dos patriotas, a synthese do pensamento e do sentimento nacionaes.

O sentimento patriótico é o elemento mais dissolvente entre os proletarios e mesmo entre os anarchistas, facto que se pôde verificar nas cidades cosmopolitas: agrupam-se pela afinidade de idiomas, de costumes, formando «cappellinhas» e hostilizam-se julgando cada grupo ser melhor que os outros.

Com razão os magnatas de todas as épocas recorreram, como recorreu Augusto Comte, á religião da patria para que servisse de ancora de salvação das instituições reaccionarias, quando as outras religiões ameaçavam fallencia. Uma vez mais se confirma que o patriotismo é o ultimo refugio dos infames.

Proseguiremos.

Primitivo Soares

Louvores á monarchia

Ha, entre nós, certo desconhecimento da historia do paiz; as camadas inferiores quasi a ignoram por completo e os homens de intelligencia olvidam-na depressa, desprezando-a, abandonando-a.

Dest'arte, facil é ouvir-se o encomio exagerado ao passado do Brazil ou escutar-se o apodo ao regimen presente, com exaltamento da forma governamental desaparecida em annos não remotos. Ataca-se a republica pelas especulações e immoralidades dos bandoleiros que não a prezam e dos velhacozes que a desfructam, e procuram se á monarchia enaltecimentos de correção administrativa e pureza de gestão.

A'queles que se voltam a entoar loas á realza vale lembrar que Nabuco uma vez lhe consignou essas palavras expressivas:

«O governo do Brazil, que alguns chamam — constitucional representativo — não passa de um governo absoluto, como o da China e o do Japão. A coroa de S. M. não tem menos autoridade que o turbante do chefe dos crentes.»

Havia razão na affirmativa do politico do imperio porque o unico poder dominante no paiz era o poder pessoal do rei; era o throno. Todas as vontades, todas as aspirações populares ficavam esmagadas ante as imposições do monarcha, que movia a seu talante a representação nacional, cujas camaras ganhavam unanimidade segundo o partido a que pertencia o ministro chamado a presidir os conselhos da coroa.

«Isto quer dizer — escrevia um partidario do imperio — que só ha um poder estatal, que o art. 12 é uma mentira, que as delegações todas são do throno, que o throno é a chave da abobada, é a claridade que alumia o edificio, o sol que dá calor a todos os poderes, o centro e a circumferencia de toda a autoridade publica, não a parasta que se se alimenta da seiva nacional, mas a seiva que nutre a parasta da oligarchia.»

E foi esse poder pessoal que desenvolveu na direcção do Brazil a «perfidia, a corrupção e a mentira» a que alludia o sr. Ferreira Vianna; foi esse poder pessoal que fomentou a politica do «deficit», estado normal do estado financeiro da nação!

Não se diga que a republica trouxe a ruina economica do paiz, quando o vezo dos emprestimos data da época «lidima» do sceptro e do papo de tucano. Em 1882, o sr. Martinho Campos expunha, nestes termos, a situação do Brazil: «Não ha razão para que o Estado pague juros maiores do que pagam os bancos aos particulares; nada justifica isso senão a necessidade e a contingencia desgraçada em que os governos se tem collocado de prover todos os annos, por novos emprestimos, os deficits, alguns, vezes extraordinarios, do orçamento annual.»

As grandes e incomparaveis administrações monarchicas, elogiadas hoje, por impostores que, insaciaveis, querem os melhores postos e esbravejam contra a republica, que lhes não tem satisfeito todas as ambições; os governos extraordinarios do imperio, em cujos orçamentos se nutriam os pantominciosos que, a 15 de novembro, entram a adherir á democracia nova, espoliando os propagandistas sinceros do systema proclamado; e os afamados gabinetes da coroa, actualmente, por calculo, recomendados e applaudidos, assignalaram a desordem, a ruina, a miseria de uma vasta nação «traída vilipendiada», de um estado de cousas «baralhada», rebalhado, prostituido», na incisiva apostrophe do sr. Amaro Bezerra.

Folheem-se os annos do parlamento brasileiro; manuseiem-se as publicações de outras épocas do Brazil e ter-se-á a convicção de que é fallaz essa prosperidade da patria em um «reinado que não passou de uma comedia.»

O visconde de Niteroy, ministro de Pedro 2.º, explicava a desagregação moral das cousas do imperio com esta phrase allusiva: «Nasce decima a corrupção dos povos. No animo dos homens do segundo reinado houve sempre a consciencia de que os máos

destinos da nossa terra provinham da politica do Bragança, intervindo nos negocios da nação, desmescuradamente, e fazendo triumphar exclusivamente o seu desejo, a sua opinião, o seu pensamento. Tal a razão de Eusebio Kaver proferido aquelle celebre dito: «Um homem de bem não pôde ser duas vezes ministro com o imperador.»

Parece que se não pôde encontrar mais caracteristico relevo de mal estar no serviço dos gabinetes monarchicos; no conceito do estadista, o libelo de um rei e a maldição de uma coroa. — Um adversario do throno não lhe faria melhor autopsia, não lhe peraria tão retalhada dessecção; naquella expressão condensam-se as criticas mais acerbas ás esquecidas perfidias da louvada dynastia.

A ignorancia da historia patria faz brotar desconchavados reclamos ao segundo reinado, que recebeu grandes golpes e profundas censuras dos serviços do paço e aulicos da coroa. E como, nas escolas, os compendios escaeciam os episodios e reproduzem, pessimamente, factos, sem apreciação ponderada, as gerações vão se formando, alheias ao nosso passado e inscientes da vida e feitos dos nossos homens.

Se melhor fossem estudados os acontecimentos desenrolados no paiz, mormente os successos occorridos depois da sua autonomia, não se ouviriam as heresias que, por ahi, proferem sobre cousas nacionaes, nem se atreveriam certos sujeitos a tecer loas a um cyclo deslustrado da nossa existencia politica.

Afirma-se, presentemente, uma invejavel conducta na época do segundo imperio, e, até, no proposito de encantamentos dynasticos, já se tentaram louvores em nome do filho de D. João 6.º, o aventureiro rebezo-ao tujao e acanhado monarcha portuguez.

Para Pedro I, a bajulação buscou a aureola de defensor perpetuo do Brazil, quando se lhe comecou tyranizar, e de uma dissolução da constituição de 1823 até aos seus ultimos desvarios, que motivaram o patriotico 7 de abril, movimento honroso aos brasileiros de 1831.

De Pedro 2.º quer se lhe ver o reinado incorruptivel e sem macula. Entretanto, é no seu tempo que um general como Caxias, arrancado do seu repouso, já coberto de glorias, acudindo por um convite real, a combater nos campos do Paraguay, recebe os maiores ataques de um jornalista indignamente subsidiado pelo thezouro publico, é do seu tempo que data subversividade parlamentar, relatada nestas palavras attribuidas ao sr. Silveira Martins: «a camara dos deputados é creada do governo; no senado está enthronizada a ignorancia; os ministros só fazem o que o imperador quer.»

Dispam-se as roçagencas rospagens com que envolvem a effigie da monarchia, os propaladores de grandezas fantasmagoras do passado regimen em que tudo se movia ao «dedo mysterioso» aludido pelo sr. Affonso Celso; o imperio já mais superabundou de excellencias que expliquem o menor respeito e o mais leve acatamento ao throno bragançino. Se algo valesse em merito, não teria se esborçado com desinteresse dos proprios palacianos, desacreditado, alascado, sem apoio algum na opinião geral.

E, pois, os censors do systema actual estudem a nossa historia, antes de traçar paralelos descabidos, apreciem os tempos antigos e observem os tempos modernos; verifiquem que os males da hora presente não residem na republica, porém, nos typos que a profanam, sem convicções de especie alguma, vindos da realza ou educados sob os habitos monarchicos, dirigindo, governando desde o momento em que o adhesionismo comecou a deturpar a obra de revolução, conforme bem preseniu o padre João Manuel.

Os encomiastas da coroa, revendo a época imperial através dos depoimentos dos seus servidores, moderarão, naturalmente, os impetos de armar effeito com balofas louvançinhas e apoloias fementidas ao predomínio dynastico.

THEODORO MAGALHÃES

Congresso Anarchista Sul-Americano

A comissão organizadora continúa recebendo adhesões, tanto do interior como do exterior do Brazil.

A's sextas-feiras, no centro de Estudos Sociais, e aos domingos, em reuniões especiaes, os anarchistas desta cidade têm tratado de assumptos referentes ao congresso, trabalhando pelo seu exito e efficacia pratica.

Amanhã, no Centro de Estudos Sociais, mais uma reunião se dará com este fim, sendo convidados todos os libertarios do Rio de Janeiro a acudirem ao chamamento, pois que o tempo é pouco e ha serias deliberações a tomar.

A sede do C. E. S. é na praça Tiradentes 71.



Expediente de "Na Barricada"

ASSIGNATURAS

PARA O BRASIL

1 anno 5\$000

6 mezes 3\$000

PARA O EXTERIOR

1 anno 7\$000

6 mezes 4\$000

Notas em 100 rs. — Notas em 200 rs.

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER DIA DO MEZ

Gerente - J. Gonçalves da Silva

Nota - Todas as importancias devem ser enviadas pelo correio, em vale postal ou carta registrada, ao gerente e para a Rua do Rosario, 170 - sobrado.

Agentes - Aceitam-se agentes nas capitales e cidades do interior, concedendo-se-lhes 25% de comissao, correndo por conta da administracao todos os gastos de remessa e devolucao de exemplares. Liquidacao mensal.

NOTA Á MARGEM

Folgo em anotar á margem da resposta de Silva Marques os seguintes topicos:

Julgo possivel melhorar a humanidade... applaudo e estimulo a obra dos anarchistas. Sei que não poderão realizá-la por completo, porque nenhuma doutrina conseguirá impor-se integralmente... e o anarchismo conseguirá reduzir as funcoes do Estado já tera feito muito.

Esse Estado (que é o Governo de Pedro do Coutto) tem perdido um sem numero de prerogativas e gradualmente vem sendo reduzido ao seu minimo em funcoes.

Emquanto Silva Marques aspira á reducao ao minimo do poder do Estado, Pedro do Coutto gira no circulo vicioso que estabelece para argumentação, fazendo cavallo de batalha da palavra Governo, contando com elle, como contára sempre com a lei da gravitacao universal.

A natureza do governo é que é discutivel, diz elle; dahi o nego-o é que é erroneo.

Quem nega o governo? Se o negassem os anarchistas, não o combatieram, nem lhe attribuiriam os males presentes da humanidade. Reconhecem os anarchistas sua execrada existencia e o combatem na sua mais concreta representacao - o Estado - com sua malefica engrenagem - Policia, Ministerios, Justica, Casa de fabricacao de leis, Presidios, etc.

Seria quichotada combater moinhos de vento. Serve-se o tonal esgrimista da palavra do argumento historico; a licção é proveitosa; mas a Historia ensina que o dominio dos mais fortes, dos caes guerreros e mercades antigos, e dos imperios antigos, foi gradativamente substituido pelo governo dos mais babeiis.

Do absolutismo dos chefes de exercitos chegamos á ditadura regulamentada das republicas presidenciaes e ao constitucionalismo dos imperios modernos.

O poder do Estado, o poder dos governos, nas suas proprias constituições, vae cada vez mais sendo cercado pelas garantias dadas ao individuo, na liberdade de exteração de pensamento, de locomoção, de commercio e nas outras garantias de domicilio, de manutención de posse, de habeas corpus, de exercicio de culto religioso, de renúncia etc.

O Estado moderno, isto é, o governo, cada vez perde maior somma de poder. Nesse progresso da liberdade, que tambem é um facto historico, não está a tendencia constante, na propria variedade dos phenomenos sociales, para anulação futura e para o gradual desaparecimento da funcao do Estado, isto é, da funcao governamental?

Essas modificações vém registradas no vibrante artigo do illustre homem de letras, ainda eivado de muito republicanismo, quando confessa a possibilidade (a quem dos limites matematicos) da modificação dos governos lenta mas seguramente, embora expli que a existencia deles como contingencia fatal.

Essa contingencia fatal é o outro nome que tem a emancipação divina dos poderes governamentais dos reis, predeterminação ou cousa parecida - com o rotulo latino de - Omnia potestas a Deo (tudo poder vem de Deus), com que se tornaram inviolaveis e sagradas as pessoas dos imperantes, unidas pelo oleo santo, representantes de Deus na Terra, por uma contingencia fatal de familia ou de ocellas falas.

É o mesmo poder de origem divina que não podia ser modificado, nem supprimo pelo homem, mas que historicamente se veu desmortalizando e vae a caminho da completa anulação.

Não é a proclamação mtida e cada vez maior dos conceitos do governo, do patria e da propriedade o que observamos - não.

O que se registra cada vez mais accentuadamente é a tendencia á diminuição das funcoes e atribuições governamentais, como acima dissemos; e o conceito de patria atenuando-se na confraternização dos povos, na universalidade das ciencias, no intercambio monetario, na troca internacional dos productos industriais e agricolas, na desnacionalização da navegacao e do commercio; e a propriedade individual desaparecendo para constituir propriedade do Estado, isto é, propriedade commum, ou propriedade de grandes companhias exploradoras, organizadas sem preoccupações nacionalistas, patrioticas ou regionales, pertencentes a individuos nascidos em pontos diversos do globo terraqueo.

A propriedade territorial e a propriedade predial urbana não são do individuo exclusivamente; para gozál-a

O QUE PENSO

Dizem os que impugnam a afirmacão de que a noção do governo é inherente ao homem, que eu dou uma accepção differente da commum ao vocabulo governo, e dahi a divergencia, nã eis apparete do que real, entre os anarchistas e eu. Ora, não dou absoluto tal accepção - nem por erro etymologico, nem por dealealdade na discussão. Entendo por governo toda a direcção, e, em se tratando da sociedade, o commando que a esta é dado por um ou mais homens. Governo é, pois, orientação, direcção, commando, centro de convergencia de esforços individuais.

Esta interpretação é a de toda a gente, inclusive os anarchistas, que a não repudiam, desde que tome a forma de competencia livremente accetida.

Não ha, como se vé, nenhuma manieira nova de encarar a palavra, como dizem alguns anarchistas eu faço. Eu a empreguei como todos a empregam e com o significado usual. Os anarchistas, sim, é que lhe dão uma outra feição: - para elles, governo é somente a maneira por que a direcção social é hoje realizada.

Ora, eu disse que, comoqunto exista governo, entidade fatal, poder-se-hia discutir o seu modo de ser, o seu feiço, a maneira pela qual elle se deve exercer. Não neguei a tendencia de absorção nos actuaes governos, ficando neste particular de accordo com os anarchistas. Tampouco affirnei que a vigeinte organização social seria a melhor, ainda menos, a definitiva.

Com os meus dignos camaradas anarchistas combato tambem todas as violencias dos dirigentes quacsquer, e aspiro para os homens a maior dose de liberdade; com elles reconheço que a sociedade ha de soffrer modificação no sentido de melhor se affirmarem os meios de felicidade humana; com elles ainda estou na convicção de que a sociedade marcha para uma epoca em que o capital humano será de todos os homens, em uma justa e natural equidade; só não estou com alguns dos meus camaradas - na negação de um facto observavel, porque manifestado através dos tempos. Não nego, nem ha quem possa negar, a existencia constante de homens dirigindo outros homens. Isto, a historia da humanidade o comprova.

Os governos exorbitam, oprimem, exploram... é possível, é certo, mesmo; mas, por isso, não lhes vamos negar a existencia. Havendo sociedade ha quem a dirija. Essa direcção será cada vez menos oppressora, é facto (e a evoluçao social abí esse para demonstral-o) mas o que a induçao nos revela é que - desde que o homem se agrupa, surge, immediatamente quem o commande, consoante o estado de civilização do momento.

Não ha, pois, sophisma nem dealealdade de minha parte, quando chamo de governo á autoridade qualquer. Os meus camaradas anarchistas entendem que governo é exclusivamente o Estado; que sendo elle, a seu ver, o tropeço ao advento de uma epoca de fraternidade e de felicidade, torna-se imprescindivel a sua eliminacão. Ahí é que está o nosso dissidio: - para mim, o Estado é uma modaliade do governo, que, modifiquem-n-o como entenderem, o que elle representa, o que elle significa, que é a autoridade (oppressora, pouco importa) é uma consequencia natural da organização do homem.

Não se apagueem alguns de meus dignos adversarios a que o anarchismo se refere no Estado, quando sustenta a desnecessidade do governo; isto nãqse depreheude nem da letra nem do espirito da doutrina; o anarchismo garante que a sociedade se organizará sem governo. Eu, timidamente, julgo o contrario. E que a razão está do meu lado, prova-o o apoio que ás minhas palavras deram anarchistas doutos, entusiastas, sinceros e activos, como o meu amigo Orlando Lopes e o distincto camarada Elias da Silva.

Posso, pois, concluir que - na modificação social, que se dará em epoca não previsivel, o governo existirá fatalmente. Como será elle? Como penso que elle será, dil-o-hei no proximo artigo.

P. S. - Ao meu digno amigo Fabio Luz responderei no numero proximo

P. C.

PELOS THEATROS

Os que, no dia seguinte á primeira apresentação de uma peça, procurarem saber nos jornaes diarios qual o seu valor litterario, artistico e social, qual o assumpto do seu entreccho e qual o seu desempenho e interpretação, ficarão desvairados diante de tantas e variadas opiniões, diante das calinadas dos srs. criticos.

Para os que se julgam com o direito de fazer criticas, o actor fulano da actriz sicrana vae muito bem, sem o lhe inspira sympathias e a outra tem, como vulgarmente se diz, um palmo de tara bonita.

Quanto á apreciação do valor litterario e artistico da peça, assim como á sua montagem, se a faz de accordo com o valor do anuncio, isto é, segundo o numero das columnas que occupa no jornal - de que faz parte. E por isso, os empresarios dos theatros, conhecendo o preço de taes criticas, procuram montar peças de taes criticas, porque sabem de antemão que estão isentos da fúria da critica. Assim, a critica que em algumas partes é acatada, aqui, nesta Capital, só hiliaridade e compaixão causa a nos que conhecem de viva e sua triste situacão de fabrica de elogios, quando se trata de collegas ou de emprezarios generosos, e de condemnação, a uma voz, quando o autor não faz rapapes, nem o empresario é amigo de se liey, em costar no balcão.

Poderíamos citar factos, mas, não o fazemos por enquanto, devido ao pouco espaço de que disponemos em "Na Barricada". Fal-o-emos, entretanto á proporção do espaço de que dispuzermos, demonstrando aos nossos leitores quem são e como procedem os criticos, quem se julgam no direito de formar opinião de uma vasta cidade, como é o Rio de Janeiro.

Criticos? Não, - mercenarios, é o qualificativo que merecem.

S. PEDRO - A Espada de honra, peça militar original dos srs. Alvega Fonseca e Candido Costa - Assim rezavam os annuncios. Para o publico assim será. Para nós, porém, assim não é. Formos velas; mas, não damos a nossa opinião sobre o trabalho dos dois illustres escriptores por desconhecermos a epoca em que tiveram tal originalidade; de se enfeitarem com pennas de pavão. Por isso, sobre o valor commedographo dos dois escriptores, fallaremos quando tivermos occasião de apreciar um trabalho seu, puramente seu, e que não se pareça a outro, como este com La España del

SATURNINO BARBOZA. S. Paulo, 1915.

A INDEPENDENCIA

O pensamento que agitou no seculo passado os burgos americanos e provouca as revoluções organizadoras das diversas patrias politicas nomeadas pela geographia, deve ter ao fim de cem annos amargado inominaveis desganhos; admitindo que esse pensamento haja sido ingenuo e generoso.

Quando a nós, só com sarcasmos poder-se-á encarar a independencia que os ambiciosos, os invejosos e os malfeitores de então prometteram, havendo a antes empenhado ás mãos de um portuguez farscioso e principesco, estupido labrego que se divertia com as lavadeiras e acutilava pobres diabos nas esquinas, para compensar a cobardia do pai João, o degenerado e apodrecido rei fugitivo... Com sarcasmos ou coisa peor, porque do imperio á republica e da republica ao pinheirismo, tudo indica o escalada para a dependencia e o servilismo, quando a independencia fóra o modor d'ordem que era imposta aos colonos.

Quando tal affirmar, e orientar o faço de modo geral, e supprido, que assim é que devem raciocinar os meus camaradas anarchistas, e não prefererem confundir governo - o que governo, o que orientar - com o modo por que elle se apresenta na hora andante.

O governo tem sido em varios periodos da historia exercido mais ou menos compressivamente; tem apresentado varias modalidades, muitas das quaes repugnantes, mas isto não importa a negação de sua existencia.

Vêm, pois, os meus adversarios quem sem tola vaidade, a verdade está do meu lado; outros, quem não usei de dealealdade, quando sustentei que o conceito de governo é inherente ao homem, tendo mesmo argumentado com o proprio anarchismo. Que diz elle em sua propria denominação? Ausencia de governo.

Que pregam os seus partidarios? - A organização de uma sociedade sem governo.

É como julgo que isso não é possível, contestei-os. E contestei-os com felicidade; porque, adversarios dignos, arduos e sinceros, concordaram com a minha affirmativa, aliás resultante da analyse da evoluçao social.

Apoiando o meu asserto, não evidenciaram os meus honrados antagonistas a impossibilidade de se eliminar a noção do governo?

Pela colonia europeá, senhores da independencia! Qualquer leva de imigrantes é mais nobre e mais util á liberdade que o Congresso Nacional!

Domingos Ribeiro Filho.

185

Centro Turfista

Vendem-se apostas para corridas "pernas-las-cótes" accumulações, betting's e bolos, etc

SERVICÓ RÁPIDO PELO TELEPHONE

Rua do Ouvidor, 185

Os theatros S. José, Recreio, Apollo, Pathé e Trianon, apenas têm passado em revista peças mais ou menos conhecidas e, por isso, deixamos de dar opinião sobre as mesmas.

GREMIO INFANTIL S. JOSE'

No dia 4 do corrente, realizou este Gremio a sua recita mensal, no seu theatro - no 133 da rua Bambina, 133.

Representou o seu corpo scenico as commedias Quem quer, com; quem não quer, manda e Que maldiça campanha.

Todos os anualmente trataram e estudaram as partes que lhes foram distribuidas, com o maximo carinho e dedicacão.

TITO ALVES

A GUERRA

OPINIÕES, DOCUMENTOS, FACTOS

O verdadeiro culpado

Fala um conhecido revolucionario russo:

Em nossos paizes de civilização capitalista, ha cerca de um ricao por mil habitantes, uma pessoa relativamente abastada por cem e dez por cento que não vivem.

Economicamente, a classe média e a pequena burguezia teriam, nove vezes em dez, interesse directo em fazer causa commum com os communistas; mas, na pratica, essa pequena e média burguezia é na sua immensa maioria radicalmente contraria a todas as reivindicações do proletariado.

Uma situação particular dessas camadas sociais transforma-as em ramos secos da arvore da vida.

De facto, só se contam o capitalismo e o proletariado, isto é, a infima minoria dos possuidores e dirigentes effectivos e o conjunto dos trabalhadores, dos productores directos, camponeses e operarios.

A guerra é obra de amos, reis, dirigentes, possuidores exclusivamente.

Do ponto de vista do povo trabalhador e produtor, toda e qualquer guerra é um crime de lesa-humanidade.

Atesta-a a historia toda e prova-o exuberantemente a guerra actual para todos os que sabem abrir os olhos e não têm o não julgam ter um interesse qualquer na chacina internacional, no monstruoso e insoudavel delicto do vigesimo seculo da era, cujo ponto de partida é o nascimento do Deus christo, renegado pelos seus, e que disse: Tu não deves matar.

A imprensa burguesa dos paizes aliados e da Alemanha e Austria é unanime em invocar, em favor do Triplo Entendimento ou da Dupla Alliança, a postura hypocrita de atacado.

Esta attitudie jesuitica tem por fim desculpar de antemão todos os crimes, todas as crueldades, todas as infamias que a pseudo defesa pode necessitar e justificar.

Segundo os homens mais competentes, um anno de guerra causaria entre os austro-allemaes mais de 50 por cento de mortos e mortalmente feridos, isto é, seis milhões de homens na flor da idade.

Perante esta cifra funebre, não deveria haver, de futuro, jã não deve haver para o proletariado mais do que

CHRONICA INTERNACIONAL

o movimento apresenta perspectivas de augmentar, pois que as sociedades a que se acham filiado o operariado ameaça secundar a attitudie dos paredistas.

Madrid, 3. - Os operarios de Reus, que ha dias deixaram de comparecer ao trabalho, annunciam que promoverão a greve geral da cidade, caso as suas reclamações não sejam satisfactas pelas autoridades.

Madrid, 5. - Os operarios das minas de enxofre de Heilin declararam-se hoje em greve.

Madrid, 7. - Os portos dos paredistas de Gijón recusaram a proposta que lhes apresentou o Governador da Provincia de Oviedo relativamente á rotaçao para o trabalho dos operarios e á fixação do pessoal para os servicos de descarga.

Os operarios das officinas metalurgicas de Leça estão reclamando augmento de salario e ameaçam declarar-se tambem em greve se não forem atendidos.

Madrid, 8. - Informam de Merin que os operarios que ali estão em greve atacarão hoje de manhã o mercado e atrairão ao mar tudo o peixe que estava exposto á venda.

MYRR

Um lema: deserta. A desercão em massa é a rebellião; a rebellião em massa é a revoluçao libertadora.

A revoluçao plebeá de 1792-1794 fez quatro mil victimas em dois annos. A actual carnificina burguesa fará mais de dez milhões de estropiados e assassinados num só anno.

É o commentario eloquente que a burguezia escreve hoje no seu vocabulo "humanitarismo".

A burguezia capitalista é a classe infame, a classe monstruosa e sadica. Ella deve ser o ponto de mira, a Carthago a destruir, para o Proletariado.

-FREDERICO STACKELBERG.

Homenagens a Joffre...

Numa brochura recente, L'Opinion Americaine et la Guerre, o escriptor francez Henri Lichtenberger, de volta dos Estados Unidos, escreve o seguinte:

"Poucos tempos divertidos mostram a popularidade do general Joffre nos Estados Unidos. Muitos americanos têm dado aos seus bebês e, coisa mais significativa ainda, aos seus totós favoritos o nome do vencedor da batalha do Marne! Eu ouço ainda uma dellas contar-me, rindo-se a bandeiras despregadas, as façanhas do seu valoroso coquo Joffre que, numa aulaz marcha nocturna, invadira o galinheiro do vizinho (este respondia ao nome de Hakenfuss), torcera conscienciosamente o pescoço á toda a criação germanica, e agitava a cauda triumphantemente, ao dia seguinte, quando o proprietario desconsolidado fóra protester contra este escandaloso raiz!"

O sr. Lichtenberger acha, no seu patriotismo satisfeito e agradecido, que tudo isso é extremamente significativo, como mostra das sympathias americanas para com o papa Joffre. É realmente significativo... e symbolico.

Palavras de Brandés

São do grande escriptor dinamarquez Georg Brandés as seguintes palavras, ditas a um jornalista francez que o fóra entrevistar.

"Eu não havia imaginado que a guerra se manifestasse de forma tao barbara. É um recuo á idade media, peor, á idade de pedra." É entao inutil todo o trabalho feito durante tantos annos pela reconciliação das nações, pois que chegamos a este odio abstracto, que me lembra Pascal: «Poque queires matar este homem? - Elle é meu inimigo»

«habitante do outro lado do rio». Pela minha parte, eu considero o odio nacional que desuete a Europa como uma infelicidade e o mais angustioso symptoma de decadencia.

Barcelona, 6. - Os operarios de industrias textis da Catalonha mostram-se em absoluta divergencia com respeito á greve.

Madrid, 6. - Declararam-se hoje em greve e immediatamente desembarcaram os tripulantes de dezesseis vapores nacionaes fundados no porto de Gijón.

A greve dos trabalhadores de Reus tendá a diminuir o que leva a crer que muito breve estará terminada.

As ultimas noticias de Bilbao informam que os embarcadios persistem em não voltar ao trabalho enquanto não forem satisfactas as suas reclamações.

Durante o dia repetiram-se as desordens que ha dias vêm sendo promovidas pelos paredistas.

Madrid, 7. - Os portos dos paredistas de Gijón recusaram a proposta que lhes apresentou o Governador da Provincia de Oviedo relativamente á rotaçao para o trabalho dos operarios e á fixação do pessoal para os servicos de descarga.

Os operarios das officinas metalurgicas de Leça estão reclamando augmento de salario e ameaçam declarar-se tambem em greve se não forem atendidos.

O Proletariado Militante

A questão dos chauffeurs

Insistindo sobre o nefasto papel desempenhado pela imprensa na questão dos chauffeurs, vamos fazer ainda mais algumas considerações, afim de demonstrar que a sua influencia se deve também a muitos desastres, dos quaes tem resultado um consideravel numero de victimas.

E ainda que pareça estranho o que acabamos de afirmar, a verdade é que grande parte dos atropelamentos que se têm dado nesta capital, são a consequencia logica da campanha que ha longo tempo a imprensa vem fazendo contra a classe dos chauffeurs. E como prova, vejamos de que maneira ella tem contribuido para augmentar o numero dos desastres e de victimas do automobilismo.

Ao mesmo tempo que o povo, illudido pelas mentiras convencionaes da imprensa, foi firmando o conceito miseravel que faz dos chauffeurs, estes, por sua vez, foram adquirindo, pela experiencia de todos os dias e de todas as horas, a consciencia plena e exacta da situação em que os collocaram, prevenindo-se naturalmente contra todos os perigos a que sua vida foi exposta. De forma que, quando succede um desastre, muitas vezes sem importancia, como o da floresta, que apenas maguou levemente o bebado atropelado, a primeira preocupação do chauffeur é fugir e fugir como um desesperado que vê em perigo a sua existencia e que não tem outro meio de se pôr a salvo. Nesta fuga precipitada e desordenada, a que o chauffeur é impellido para defender a sua vida ameaçada, muitas dezenas de criaturas têm sido espatifadas pelos automoveis que, em vertiginosa carreira, atravessam ruas de grande movimento, colidindo na sua passagem tudo que encontram pela frente. E os atropelamentos desta natureza, a nosso ver, dão-se por culpa exclusiva da imprensa que, exasperando os animos do povo, o levou ao extremo de não confiar mais naquillo a que chamam justiça, pretendendo fazer essa mesma justiça por suas proprias mãos, lynchando os pobres motoristas que cahirem na asneira de esperar a sua intervenção.

Em Portugal e em outros paizes, o chauffeur é obrigado por lei a prestar ao atropelado os primeiros socorros, conduzindo-o ao lugar mais proximo onde possa receber o auxilio da sciencia; e esta medida, por todos os motivos sympathica e humanitaria, não pôde ser posta em pratica no Rio de Janeiro, porque o povo estupidamente enraivecido o não permite. O chauffeur neste caso, em vez de socorrer os atropelados, é constrangido, em defeza propria, a fazer novos atropelamentos. E tudo isto se dá por obra e graça da imprensa, a quem cabe toda a responsabilidade, por que foi ella quem conduziu o povo ao estado em que se encontra, collocando o chauffeur na terrivel situação de um criminoso repulente e odiado, que se vê muitas vezes na dura contingencia de ferir e matar para não ser morto.

Não ficou somente por aqui a campanha systematica da imprensa contra a classe dos chauffeurs. Ella foi mais longe, e chegando até ao Senado ali foi promulgado um decreto, autorizando o prefeito municipal a confeccionar o celebre regulamento de vehiculos que tantos males tem causado á classe, e

de que é auctor o não menos celebre general Carneiro Monteiro.

Concluido esse monstruoso documento, que ficará gravado na historia do Brazil como um desmentido formal ás liberdades profissionais que a constituição diz garantir e que servirá ao mesmo tempo para provar aos vindouros que a escravatura não foi abolida, como dizem, em 13 de maio de 1888, concluido esse documento, repetimos, foi entregue immediatamente á policia para que esta o fizesse cumprir. O que é esse regulamento e o que a policia tem feito aos chauffeurs do Rio de Janeiro a pretexto de cumprir a lei, é o que vamos analysar em outros artigos.

M. CORLHO.

CARTA ABERTA

Ao camarada Manoel Campos

Tristes momentos estes em que o canhão mulla e a metralha destral; época dura de retrocesso na historia da civilização e talvez, quem sabe? de transigencia de alguns dos maiores vultos propagandistas de grandes e sublimes ideais! Mas não importa; depois de um pequeno desalento, que por mim passou, devido ao proceder indigno de alguns pensadores, que com seu genio literario e sua profunda philosophia, muito concorreram para arrastar-me á realidade das cousas, e fazer-me lutar com meu pequeno esforço pela causa do povo, hoje, curado d'essa pequena fraqueza, volto novamente a enfileirar-me na vanguarda proletaria, prompto para empunhar armas e saltar na barricada ao primeiro momento que se depare.

O mundo convulsiona-se na chamma da destruição; por todos os lados a morte, a ruina e a desolação; o povo latino arrocha-o contra seus irmãos tedescos, russos e belgas, ingleses e servios, todos entregues á embriaguez da guerra, para a qual foram impellidos num momento de indecisão, que a burguezia aproveitou para os precipitar no horrendo fratricidio.

Todos os elementos parecem unir-se para destruir a obra que uma geração de escriptores, pensadores e pedagogos construíram num esforço titanico de meio seculo de luta intellectual e pratica; mas não importa: ante a evidencia dos factos, temos que nos cingir á dura realidade, e lançar-nos na agitação popular, e se preciso fór na greve geral revolucionaria.

Já que tu me davias alento desde ahí, lutemos pois contra a guerra que flagela metade do continente europeu, evitemos que outras potencias intervenham no conflicto, arrastando consigo mais victimas na horrivel carnificina, tentemos á revolta do proletariado consciente de todo o mundo, que neste momento deve dar o ultimo tiro na sociedade caduca e vil, cujo fim está proximo, e preparemo-nos para construir o novo edificio social.

Abaixo a guerra! viva a revolução social! eis o brado que devemos atemorizar a hyena burgueza e o lemmia de nossa bandeira de combate. Lutemos, pois: unamos os nossos esforços de homens livres e conscientes á nobre e elevada iniciativa da Confederação Operaria Brasileira, e lancemos o nosso protesto de produtores que esperamos quebrar as algemas que nos prendem ao preconceito de patria, gritando: viva a anarquia!

Que dos escombros de tantas ruínas brote a rula papoula que nos enflora o sonho de escravos revoltados, coroados os nossos esforços reivindicadores.

Como vês, eu continuo a ser o mesmo de hontem; prompto para tudo, desde que encontre quem me acompanhe. Sempre teu e da causa:

MANOEL PERDIGÃO

Grupo Carbonario dos Padeiros

Quantos burguezes, proprietarios de padaria não suarão de indignação, quando por acaso lhes caia debaixo dos olhos este numero de NA BARRICADA! Pois, n.us carissimos inimigos, ainda não sabem a que se propõe o grupo carbonario dos padeiros? (Composto de abnegados companheiros, entre os quaes existe a maxima confiança, não contando o seu segredo nem ao seu melhor amigo, propõe-se ao seguinte: Trabalhar nas trevas para punir todo o companheiro traidor, e não associado.

Prejudicar por todos os meios a meios os patros carranhas, que perseguem os empregados que são associados. Ainda mais: nós havemos de fazer com que os proprios patros obriguem os seus empregados a se associarem.

— Mas, dirão os nossos patros, cheios de uma indignação apoplectica não é licito á policia deve agir, e livrar-nos dessa canalha! E para isso que nós pagamos os nossos impostos de industria e profissão. Mas, meus carissimos inimigos, a isto eu responderei simplesmente: sim, sois vós que pagais os impostos, mas é com o nosso suor de produtores, e dos consumidores em geral que são o povo. Ainda mais: quanto a nós, sem consultarmos ninguém, termos formado um grupo secreto, aprendemo-lo comovosco. Não quizeses vós ha pouco ainda formar um codigo secreto contra os empregados que fizeram greve e contra todos aquellos que não se queiram deixar tosquiar por vós?

Agora, sabendo nós que os artigos da constituição dizem que lei é igual para todos, a policia, que não procede contra vós, apesar do caso ser bastante ventilado por um jornal desta capital, a mesmissima policia não terá o direito de proceder contra nós.

Portanto, cá estamos a esperar a occasião mais opportuna para agir.

O secretario do Grupo

O OPERARIADO E A IMPRENSA BURGUEZA

Agora que surgiu um jornal da feição de "Na Barricada", cuja orientação convém ao operariado militante, urge que nós, da classe trabalhadora, lhe salubres correspondamos com o nosso esforço, afim de que este novel paladino tenha vida prospera para bem poder servir aos interesses de todos nós.

Já estamos cansados de saber, por uma longa experiencia, o que valem para nós esses jornais da burguezia, que apparecem fazendo retumbantes promessas, abrindo seções operarias etc, e no final sempre se negam a publicar qualquer artigo que não esteja bem ao paladar dos burguezes e concomitantes.

Demais, afóra outras razões poderosas, nós temos um e de alta importancia social: nós carecemos de manter um jornal, exclusivamente nosso, para assim podermos amplamente lutar as modernas idéas de sociologia que mais convêm á humanidade sofredora.

Não ha muito, o autor destas linhas, esquecendo-se de que estava escrevendo para um jornal que, não obstante se intitular de "popular" é um fiel interprete da burguezia exploradora, mandou umas tres tiras para serem publicadas, contendo determinadas perguntas ás autoridades que, na greve dos padeiros, prometeram obter uma lei regulando o trabalho dos empregados em padarias. Pois bem.

Esse jornal é tão popular, tão «defensor dos fracos contra os fortes» (autentico), que teve a honra de não ligar a minima importancia ás referidas 5 tiras, que, com certeza, muito iriam perturbar a boa digestão das autoridades que as lessem. Diante d'isto, pois, já sabemos o que temos a fazer...

ANACLETO BASTOS

Nas Fabricas de Tecidos

Habitos da Escravidão

Na Manufactura Fluminense, no Barreto

Não sei como qualificar o ignominioso regimen a que estão submettidos os operarios desta fabrica.

Os mestres e contra-mestres, peiores do que antigos feitores de escravos, julgam que o 13 de Maio não passou ainda. Assim é que proporcionam aos operarios um tratamento tão incrivelmente estúpido, que até parece impossível que os operarios do Barreto, que ainda ha pouco tempo demonstraram a sua força com gestos nobres, como foram essas greves para reclamar o pagamento dos seus salarios em atraso, agora se submettam impavidamente ás exigencias descabidas desses "don quixotes" elevados ás culminancias do poder, por obra e graça de uma repulente e baixa bajulação.

A Manufactura Fluminense é uma verdadeira Bastilha.

Os operarios, ou operarias da sala dos teares (tratemos dellas por hoje) estão submettidos a um tratamento que nem os escravos antigos toleravam.

Assim é que em cada seccão de teares ha um homem que está encarregado de passar os rombos que se dão, e ao mesmo tempo ficar no lugar de qualquer tecelão quando este quizer ir beber agua, urinar ou satisfazer qualquer outra necessidade. Ora, cada seccão tem em media tecelões; o nosso homem pode levar muitas vezes 2 e 3 horas a remetter um rombo, durante as quaes tecelão nenhum pode sair dos seus teares ainda que para isso seja preciso correr de sede, ou... urinar nas calças; suppondo que 10 ou 12 tecelões necessitem sair das suas machinas, é claro que, quando o homem chegar a ir tocar as machinas do ultimo, tem-se passado o dia inteiro, o que com franqueza não é digno de operarios, que dizem não ser escravos, em pleno seculo 20 submetter-se a tão tyrannicas exigencias.

Continuarei.

Rio, 12 de Setembro de 1915

Albino Moreira

Pequenas noticias

LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIAS

Chama-se a attenção dos associados em atraso de suas mensalidades a quitarem-se para a boa normalidade da co-

brança. Entrada 55000, mensalidade 15000. Quando mudem de residencia queiram participar á secretaria.

Os companheiros que ainda não são socios podem fazer-o em qualquer dia, nas horas do expediente.

BOLSA DE TRABALHO DOS PADEIROS

— Calheiros, vendedores, carregadores, fornecedores amassadores, fermenteiros, ajudantes de forno e ajudantes de mesa, habilitados, encontram-se diariamente das 10 horas da manhã ás 21, na praça Tiradentes 71, sobrado. Empregados habilitados precisam-se desde que sejam socios da Liga Federal dos Empregados em Padaria e Sindicato dos Panificadores. Pedidos pessoalmente ou pelo telephone. Aceitam-se pedidos para fóra mediante contrato.

CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRAZILEIRA. — No dia 7 do corrente, primeira terça-feira do mez, reuniu-se a Comissão confederal, em sessão ordinaria, tomando varias deliberações de interesse, como as referentes ao proximo Congresso Internacional da Paz e a A. V. O. DO TRABALHADOR, organ da C. O. B., que brevemente estará transformada em semanario.

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO. — Sabbado ultimo reuniram-se os syndicatos federaes em assemblea geral e conjunta, acordando medidas sobre os negocios internos da casa, sobre a delegação á C. O. B., etc.

A Comissão federal continúa a reunir-se ás quartas-feiras, como sempre.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAES. — Amanhã, á noite, dará este Centro mais uma sessão semanal. Figuram na ordem do dia, para discussão: 1º. Congresso Internacional da Paz — 2º. Congresso Anarchista Sul Americano — 3º. Comissão Popular de Agitação contra a Guerra. Para este ultimo ponto, chama-se a especial attenção dos interessados, pedindo-se o comparecimento de todos os membros da Comissão.

LIGA ANTICLERICAL. — Por motivo de força maior ficou adiada para hoje a conferencia de Astrojildo Pereira annunciada para quinta-feira passada. Naquelle dia, preenchendo a hora, falou José Martins, que aproveitou a questão do dia e dissertou sobre: Os attentados politicos e religiosos através da historia.

Correspondencia

Julia Moreira da Costa, Vito Cioffi, Lucio Ramalho, J. M. — Tenham paciencia. Os originaes são muitos e, a não ser que se trate de questão de premente actualidade, vão saindo por ordem de antiguidade em nossas mãos. Os seus terão tambem o seu dia. Mais semana, menos semana.

INDICADOR

SOCIEDADE UNIÃO DOS FOGUISTAS—Rua do Hospício 159.—Expediente das 7 ás 21 horas.—Telephone: 2744 Norte.

CENTRO DOS EMPREGADOS EM FERROVIAS—Rua do Hospício 170.—Expediente das 8 ás 21 horas. Telephone: 3253 Norte.

UNIÃO PROTECTORA DOS CARRATEIROS—Largo de S. Domingos 4.—Expediente: todos os dias, menos aos domingos, das 10 ás 18 horas.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS BARBEIROS E CABELLEIROS—Largo de S. Domingos 4.—Expediente: das 20 ás 21 horas.

CENTRO COSMOPOLITA—Rua do Senado 215.—Expediente: todos os dias, das 13 ás 16 horas.—Telephone: 1499 Central.

SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAFICHES E CAFÉ—Rua Municipal 9.—Expediente durante todo o dia.—Telephone: 4915 Norte.

SOCIEDADE UNIÃO DOS ESTIVADORES—Rua do Acre 19.—Expediente durante todo o dia.—Telephone: 2631 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS CARROCHEIROS, COCHEIROS E CLASSES ANNEXAS—Rua Marquez de Pombal 41.—Expediente durante todo o dia.—Telephone: 3101 Norte.

ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS E REMADORES—Rua Conselheiro Zacharias 66.—Expediente, todos os dias, das 7 — 10 horas.—Telephone 2296 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM CARVÃO E MINERAL—Avenida do Caes do Porto 851.—Expediente: durante todo o dia.—Telephone: 3466 Norte.

CENTRO DOS CHAUFFEURS—RUA Rua da Quitanda 6.—Expediente durante todo o dia.—Telephone: 978 Central.

CENTRO INTERNACIONAL—Avenida Men de Sá 78.—Expediente das 14 ás 15 horas.—Telephone: 2316 Central.

UNIÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO—Rua da Assembléa 71, 2. andar.

GREMIO DOS MACHINISTAS DA MARINHA CIVIL—Rua do Rosario 34.—CIRCULO DOS OPERARIOS DA UNIÃO—Rua Marechal Floriano Peixoto 18.

ALFAIATARIA LEAL JUNIOR

Roupas sob medida Para homens e senhoras.

Preços modicos e a prestações Rua do Lavradio, 28

Telephone 4225 Central

Bons productos RIO GRANDENSES

- Queijos diversos tipos
- Salame
- Mortadella
- Presunto
- Bacon fumado
- Linguiça
- Carnes fumadas
- Linguiça em lata
- Peijoadas em lata
- Linguiça em lata
- Pates em lata
- Camarões em lata
- Peixes em lata
- Mate em folha
- Mate chimarrão
- Mel de abelhas
- Compostas diversas
- Marmelada de "marmelo"
- Figada
- Aracagada
- Pecogada
- Vinho tipo Bordeaux
- Vinho tipo Claret
- Vinho diversos marcos
- Vinho branco e tipo Porto

DEPOSITO: CASA RIST

Rua Sete de Setembro, 71

Teleph. 4225 Central

Ser bella e Fascinante?!!

--Como?

--Simplesmente usando a **JUVENTUDE-ALEXANDRE**, unico restaurador dos cabellos que evita a sua queda e a caspa.

--E quando?!!

--Já, immediatamente, compre um frasco da **JUVENTUDE-ALEXANDRE**, que custa apenas **3\$000**, e poderá ser bella e fascinar o mundo.

--E onde se vende este preparado?

--A **JUVENTUDE ALEXANDRE** vende-se em todas as perfumarias e drogeries.



facilmente um genio; que desgraça não ter sido a fragil argilla de que sou feito a escolhida para essa transfusão de almas.

Então, guiado pela inspiração ardente do Hierophante, poderia daqui dizer o que senti naquellas alturas e o que vale aquella excursão.

A parte pensante do nosso eu se vae suavemente diluindo no azul, e aos poucos se desprende da materialidade; a cada avanço do carro nos espirituaismos mais e só o olhar fala.

Que palavras podés exprimir aquelle encantamento?

A primeira travessia termina quasi; o vagão parece que se vae chocar de encontro á negra penedia, donde verdes brotos de arvores teimosas e gravatá em flor se penduram em impressionante milagre.

Na Urca, surprehenem-nos a vegetação pujante, os recantos sombrios de bosques fracos nascentes de aguas pobres; a floresta virgem, viridante, fresca, vivaz, salpicada de ramalhete amarellas, de cachos roxos, e brancas umbellas, agita-se lá em baixo na encosta e dá-nos inelicta sensação, olhadas de cima, pelas copas, as ramarias frondosas.

Tudo que foi solidão e silencio, deserto e sombra, tudo que foi humidade e remanso todo esse paraíso fechado resoa ao grito cadenciado do trabalho, ao agitar nervoso da picareta, ao rir festivo dos pares amorosos; estremece ás exclamações entusiasticas dos passeantes ancorados, abre setes seios mysteriosos e inexplorados as assalé dos *pio-nics*, e ouve a musica dos beijos e dos risos, espantando e encolando os cantores plumosos dessas mysteriosas sombras.

Pelos declives abruptos já se desenhm escadarias toscas que conduzem aos silencios das sombras tepidas das grandes ramarias intrincadas, pr arenosas ruellas, convidando os amantes a suspirar de amores e trocar em beijos quentes segredos infindos, na calma estave desses dias intensamente luminosos.

A ascensão vae continuar. De novo suspensos entre o céu e a terra, continuamos desmaterializar-nos. O ar é leve e aromático, penetra-nos pelo pulmões e vae directamente ao cerebro, embriagando-nos. Peumes activos, ar secco e puro, vindo do largo em lufadas tonifantes, sobem do lençol verde e da toalha azulina do bosque elo mar.

A pazagem se dobra magnificamente a nossos pés, para a direita, para esquerda, em todas as direcções... para o infinito. Os caminhos colletes da fortaleza de S. João, Santa-Cruz, Lage, Imbuhy, os firmidaveis *dreadnoughts*, innumerables navios mercantes ancorados ou em movimento, dentro desse mar interior que é a Quaiara, tudo reduzido a miniaturas, tudo figurando jogos de Criança. As Avenidas á beira-mar, com sua linha de reticencias verdes, a cidade com seus monumentos minusculos, as ilhas, de dentro de fóra da bahia, deitadas a nossos

Arredio da familia, saturado de alcool, chegando ao maior grau de inconsciencia pela embriaguez com pequenas doses do veneno, tornou-se um desclassificado.

— Ninguém, como aquelle, disse-me um velho que o conhecia, tão bem e com maior rapidez, no seu tempo, sabia cuidar de um barco, armava-lhe o cavername, fazia-lhe as obras de conserva, calculava a linha de fluctuação.

Agora, sem lar, sem familia, quando sahe da prisão, depois do serviço pesado da faxina, vae de novo para a taverna, provoca disturbios, volta a ser encarcerado.

Rixento, colérico, inconsciente, elle passou aos boleos, quasi descomposto, soltando grossas lérias, que se engrolavam na saliva viscosa, projectada longe aos arrancos dos arrotos.

E o subtil, conforme a significação arabe da palavra *alcool*, continuará a coarctar aquelle organismo.

E' um dos fins dos explorados, cuja parilha na vida, nos gosos, na felicidade é toda negativa, bastardos da sociedade, desherdados da felicidade, repudiados da alegria. Sugados até á medula, enquanto a machina pôde produzir trabalho aproveitavel, que sirva para augmentar as rendas do industrial enluado como elemento primordial da prosperidade das empresas alheias, encontram como lenitivo unico os productos com que os envenenam os commerciantes, embrutecidos de caso pensado para serem melhor dirigidos, dominados, roubados, sem revoltas, e mortos moral e physicamente, quando inutilis como força productora.

Lá, nos vapores do alcool, fracos de espirito pela falta de educação e instrução, enfraquecidos de corpo pelos trabalhos excessivos, sepultam seus desgostos intimos, suas vergonhas, sua raiva impolente, não compreendendo ainda quanto lhes podem valer a acção solidaria e o auxilio mutuo, amigavel e humano.

As táras vão ficando, desdobrando-se em neurasthenias e em todas as outras psychopathias que povoam os manicomios.

Peior, porém, do que esses pobres desiludidos da felicidade, são os que procuram a illusão da felicidade na embriaguez voluntaria, systematica e elegante, e fazem della um requinte artistico e uma caracteristica de fina esthetica.

Para esses é que se torna necessario repetir a analyse de Jacquet, citada pelo Dr. Grassot no seu livro *Idées Paramédicales*, no que se refere á *Musa dos olhos verdes*:

"On y incorpore l'avis, la ladiame, l'angelique, la melisse, la menthe, qui sont poisons stupéfiants; et aussi l'hyssope, la fenouil, la petite et la grande absinthe, qui sont poisons convulsivants, épileptisants; ou colore avec de la couperose ou bleu de Prusse, et quand vus demandez une verte, ou sert fruits! Quelle cousine de sorcières!"

A FELICIDADE DE NOSSO LAR

está no uso constante dos primorosos licores, vinhos de fructas, xaropes, fructas crystallizadas e em compota, geléas geleadas, marmelada, goiabada, bananada e laranjada



USINA SÃO GONÇALO

a unica fabrica de doces e bebidas que não teme a concurrencia dos productos estrangeiros ou nacionaes, apesar de todos os seus productos serem genuinamente nacionaes

A' VENDA EM TODAS AS CASAS DE DOCES, BEBIDAS E ARMAZENS DE MOLHADOS E NO DEPOSITO E ESCRITORIO A' RUA S. JOSE, 57 — TELEPHONE CENTRAL 4475

G. SEABRA.

Para incommodos de Senhoras

A SAUDE DA MULHER

Poucos colheos alliviam
Poucos froscoos curam:

Flores Brancas

Incommodos da idade critica.
Regras dolorosas.
Colicas uterinas.
Inflamação do utero.
Hemorragias.
Suspensão.

Laboratorio Daudt & Leguinho
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacies do Brazil

LIVROS

SOCIOLOGIA, ARTE, SCIENCIA E LITERATURA, ETC.

As pessoas, tanto desta capital como do interior, que desejarem adquirir livros, jornaes, revistas, etc. em varias linguas, podem fazer as requisições acompanhadas das respectivas importancias, que serão promptamente attendidas.

Fornecem-se catalogos
Pedidos a Nilo Ferreira
Caixa postal, 1936 - Rio

CLINICA MEDICA

DR. ARTHUR DE VASCONCELLOS

SYPHILIS

(914-606)

Das 3 ás 5 da tarde — Rua do Rosario, n. 85.

COLLEGIO NACIONAL

R. FIGUEIREDO MAGALHÃES, 42
COPACABANA

CURSO COMMERCIAL

Curso nocturno e diurno
RUADO ROSARIO, 170
1º ANDAR

A collecção dos 10 primeiros numeros de "Na Barricada", nesta redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

NÃO HA QUEM NÃO CONHEÇA A CASA DE LOTERIAS

A Rua do Ouvidor n. 151

De propriedade de LOPES & C.

E' a casa que mais sortes têm vendido aqui no Rio, e é preciso notar-se que não são sortes pequenas e sim grandes: Depois que se transformou de charutaria em casa de loterias, já tem esta casa vendido

CENTENAS DE CONTOS DE REIS EM PREMIOS

Ha outras no mesmo ramo de negocio que têm vendido sortes em proporção semelhante, porém não têm a seriedade que nesta se encontra nos pagamentos dos premios vendidos. Assim, quem aqui compra bilhetos está quasi certo de tirar algum premio, por menor que seja, e de receber.

Succursaes; RUA DO OUVIDOR, 181 e RUA DA QUITANDA, 59 - C. -- RIO DE JANEIRO e Rua de S. Bento n. 126 -- S. PAULO.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaborahy n. 45

SABBADO, 18 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde — 300 — 22.*

100:000\$000 Inteiros \$800 — Decimos a \$800

SABBADO, 25 DE SETEMBRO

A's 3 horas da tarde 50:000\$000 309 — 35.*

Inteiros 4\$000 — Quintos a \$800

SABBADO, 2 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 36.*

50:000\$000

Inteiros 4\$000 — Quintos a \$800

N. B. — Os premios superiores a 200\$ estão sujeitos ao desconto de 5%. Os pedidos de bilhetos do interior devem ser acompanhados de mais 500 reis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina da Becca das Caucellas, Caixa do Correio n. 1273.

Pensem que seriam os genios de Hoffman, de Edgard Poe, etc., si não fossem alcoolatas!

Bebendo com Alfredo Musset, os esthetas pensam adquirir o talento do autor de *Rolha* e da *Nuit d'octobre*, escreve o illustre medico, e continua: "Esses ingenuos raciocinam como qualquer que acreditasse que basta vestir os redingotes de Barbey d'Aurevilly para ter talento, ser epileptico para ter o genio de Napoleão ou de Flaubert, ser gago para parecer Esopo ou Turanne, ser canhoto para pintar como Leonardo de Vinci, ou olhar fixamente o sol sem sentir incommodo para raciocinar como Sócrates..."

Os desesperos e as difficuldades economicas arrastam os pobres operarios para o abysmo do alcoolismo. A embriaguez dá-lhes a illusão do esquecimento; mas é apenas illusão, porque a mesma embriaguez reflecte nos seus arranços as raivas impetuosas da vida normal elevadas a um tal grau de exaltação que desorganizam cerebros, como compromettem todas as outras funcções vitales.

E' uma aggravação do soffrimento, um accumular terrivel de males, que vão levar aos lares a tristeza, a molestia e a infelicidade, maiores do que as proprias cruzeas e durezas da vida real, que se complica desse accrescimento de dor, em sua lastimavel duplicidade de manifestações.

O calor que desenvolve o alcool no organismo, a vivacidade de movimentos, o estimulo nervoso das primeiras e pequenas doses, levam a crer que é um alimento poderoso, capaz de substituir outra melhor alimentação. Que grande descenso! Alimento forte em doses pequenas e por preços baixos!

E o veneno vae lentamente produzindo seus effeitos; o organismo diminuindo de energias, de novo buscadas no *subtil*, em doses mais fortes e mais frequentes; toda a felicidade, toda a alegria de viver, toda a robustez da prole comprometidas; o *delirium tremens*, ponto terminal da jornada, a inconsciencia e as grades do presidio ou do manicómio como desfecho e remate. Encarecem os generos alimentícios de primeira necessidade, mas as tavernas obtêm licença para propinar venenos á população. As fabricas de cerveja, na sua competição commercial, mantêm com bons ordenados annuncios e reclamos vivos, nos logares publicos, gritando com emphase o nome do excrevel producto.

Estragado esses, viçados, ébrios habituaes por officio e profissão, outros os substituem, quando desaparecem nas sombras dos hospitaes

Sancho lá ia aos boléos. Desde algum tempo estava na ilha, onde, reconhecido pelos antigos companheiros, se celebrara pelos seus desatinos.

Entre o Céu e a Terra

Ligeiro ranger de roldana e leve oscillação, depois do tinir de campainhas, annunciam a acenção gloriosa. Suavemente, em deslizar sereno, imperceptivelmente balouçado, o carro nos vae suspendendo para as nuvens.

A faixa de terra angustamente comprimida entre contrafortes de pedra, lançando espuma de raiva, em babugem branca nos labios descorados, em consequencia do aperto dos morros, se vae dilatando a nossos pés em deslumbrador panorama; os baluartes e fortins da Praia Vermelha, com os predios de pé e os escombros da Exposição de 1906, proliferam aos nossos olhos, desdobrando-se em maravilhoso amontoado de edificios e habitações. A cidade surge da terra em amplos paineis de vastas construcções, donde a intervallos vedejantes se levantam grupos de arvores, trechos verdes de campinas, fortes morros esbarrancados, enormes penhascos, imponentes perfis de montanhas, gigantescas pedras millenares. Depois de delatua a paizagem destacam-se o amplo ancoradouro, onde os navios de grande callado bojam como minusculas canoas de pgos infantis, os inumeros jardins á beira-mar, o Oceano azul oi verde, á luz do sol, as brancas praias semi-circulares de Copacabana, gigantesca palheta curvilinea, em cujas bordas genial pilor parece ter accumulado, pincelada sobre pincelada, camadas e tinta alvissima, lenta e preguiçosamente superpostas na orla branca de areia, para o lado azul das vagas.

Já se não sabe a que bellez attender; a attenção se volta para o desvão vazio entre as peras.

A cidade (olhada lá das alturas a surpreendente magnificencia da urbs incomparavel) é na cidade morta e abandonada; não se distingue um ser viv, figura humana. Tudo está englobado na sumptuosidade da ora humana repousada sobre as exuberancias naturaes.

Silencio absoluto. Os companheiros de excursão, que nos são extranhos, não ousam quejar o encanto daquella maravilha, e em compuncção religioes guardam o silencio respeitoso de quem penetra em a nave olossal de um templo incommensuravel. O inspirado poeta, o illuminado propheta, Mucio Teixeira, meu ciceroni, não encontra, na sua fecundia verbal, uma phrase exclamativa; fica em extasis deixando que sua alma devaneadora se dissolva no deslumbrante panorama.

Para penetrar nos ceos sea um maior prazer levar por guia um poeta

Dante procurou a sombra de Virgilio para penetrar no Inferno; quão doce será entrar no paraíso á sombra de um illuminado, ao som de uma lyra! que pena não se reencontrar

